

Teorização portuguesa do jornalismo até ao 25 de Abril de 1974 – Ficha de obra

Autor		Ano de elaboração	Ano de publicação/impressão
BRUNO, Sampaio		1906	1906/1987
Título completo da obra			
<i>Os Modernos Publicistas Portugueses</i> (edição revista) <i>Os Modernos Publicistas Portugueses</i> (edição de 1906)			
Tema PRINCIPAL			
Jornalistas e Vida Profissional			
Local de edição	Editora	Número de páginas	
Porto	Lello & Irmão – Editores (Livraria Chardron)	366	
Cota na Biblioteca Nacional e noutras bibliotecas públicas			
Biblioteca: Biblioteca Nacional		Cota: L. 81574 P.	
Biblioteca: Biblioteca Nacional (edição de 1906 - 425 páginas)		Cotas: HG13961P. ; HG17011P; L. 22526P ; L. 86744P (com dedicatória a Jaime Batalha Reis); L. 89409P; L. 89804P.	
Biblioteca: Biblioteca Pública Municipal do Porto		Cota: F7-6-17 (80)	
Biblioteca: Biblioteca Pública Municipal do Porto (edição de 1906)		Cota: Q ⁷ - 6 - 77	
Esboço biográfico sobre o autor			
<p>Sampaio Bruno, pseudónimo de José Pereira Sampaio, nasceu no Porto, em 1857, e faleceu na mesma cidade, no ano de 1915. Formou-se em Medicina em 1876, embora nunca tenha exercido essa profissão. Implicado no movimento revolucionário de intenção republicana de 1891, emigra para Paris, onde redige o <i>Manifesto dos Emigrados da Revolução Republicana de 31/01/1891</i>. Pensador notável e estudioso dos problemas filosóficos e metafísicos, cedo revelou paixão pelo jornalismo. Com apenas 15 anos é levado a tribunal de liberdade de imprensa, pela redacção e publicação de <i>Vampiro</i>. Absolvido, continua a sua digressão pelas letras e pelo jornalismo, redigindo, fundando e colaborando em revistas e jornais, a citar: <i>Laço Branco</i> (que se segue a <i>Vampiro</i>), <i>Gazeta do Realismo</i>, <i>Revista de Portugal e Brasil</i>, <i>Diário da Tarde</i>, <i>Folha Nova</i>, entre outros.</p>			

Traduziu a *História de Portugal*, do alemão H. Schaefer. Em 1874, apenas com 17 anos, publica o seu primeiro livro: *Análise da Crença Cristã*, que provocou escândalo e suscitou polémica. Este livro seria o primeiro de uma extensa obra onde se incluem: *A Geração Nova*, 1886; *Notas do Exílio*, 1893; *O Brasil Mental*, 1898; *A Ideia de Deus*, 1902; *O Encoberto*, 1904; *Os Modernos Publicista Portugueses*, 1906; *Portugal e a Guerra das Nações*, 1906; *A Questão Religiosa*, 1907; *Portuenses Ilustres*, 1908; *A Ditadura*, 1909; *O Porto Culto*, 1912; *Os Cavaleiros do Amor*, livro inacabado, editado em 1996.

Após a Proclamação da República, em 1910, foi nomeado funcionário superior da Biblioteca Pública Municipal do Porto e, posteriormente, seu Director.

Foi dos primeiros críticos do positivismo de Comte.

Índice da obra

[Não tem índice]

Nota biográfica – pp. IV-V

Introdução – pp. VI-XXII

Capítulo I – A Revolução Francesa e o Movimento das Ideias: D’As *Farpas* a José Falcão, das Conferências do Casino a Pinheiro Chagas: pp. 1-35

Capítulo II – Sobre o desabrochar do Socialismo em Portugal e na *Vida militante do jornalismo*: pp. 37-78

Capítulo III – O federalismo ibérico. Da teoria das Nacionalidades à *A Ibéria*: pp. 79-124

Capítulo IV – Da ignorância à Liberdade – Apologia do povo português: pp. 125-137

Capítulo V – A crise com a Inglaterra e a republicanização da península: pp. 139-166

Capítulo VI – Portugal e Espanha – publicistas e publicações: pp. 167-190

Capítulo VII – Pi y Margall- O homem, o escritor: pp. 191-216

Capítulo VIII – “Os brandos costumes” – da pedagogia da tortura à pena de morte: pp. 217-296

Capítulo IX – A necessidade de salvador. O messianismo, o sebastianismo, os vários Mexias: pp. 297-330

Capítulo X – Da analfabetização à leitura. Da produção à publicação: pp. 331-366

Resumo da obra (linhas mestras)

O livro aqui resumido inclui um conjunto de reflexões do intelectual portuense Sampaio Bruno sobre a sua vida, a sociedade portuguesa, a inserção de Portugal no mundo, as novas ideias e aqueles que as divulgavam: os publicistas. De facto, o termo “publicistas” surge no livro para classificar os divulgadores de ideias e de novos conhecimentos, as pessoas que tornavam públicas e discutiam as ideias, as invenções e as descobertas, os intelectuais que usavam a pena para intervir na formação do indivíduo e fomentar o progresso da sociedade. Assim sendo, no livro há vastas referências a jornalistas (melhor classificados como escritores de jornais), aos seus textos e aos periódicos da época. O livro é também, todo ele, uma apologia à liberdade de pensamento e à liberdade de expressão e de imprensa, bem como um louvor aos referidos publicistas, que se dedicavam a irradiar o pensamento moderno através dos mais variados meios, interessando-nos, para o caso, os jornais.

São várias as passagens do livro onde Sampaio Bruno exprime a sua concepção de *publicista*. Num determinado ponto, explica que o publicista deve “caminhar, ensinar, civilizar; e ao menos morreremos contentes por abriremos a estrada, se não por dobrarmos o cabo, além do qual está o desejado Oriente.” (p. 173) Noutra passagem do livro, ao referir-se à revista científica *Portugália*, escreve: “as modernas gerações literárias portuguesas se têm ocupado com atenção e escrúpulo dos interesses vitais da pátria. Ocuparam-se em torná-la conhecida (...). Ótimo seria que perante as nações estrangeira a política portuguesa se apresentasse tão distintamente como perante elas a ciência portuguesa se apresenta, por intermédio da *Portugália*. Então volveria a dar orgulho o pertencer-se a esta ‘ocidental praia lusitana’ (...). Cumpramos o grato dever de saudar com respeito trabalhadores tão prestimosos quais os da primorosa revista científica portuense. Sem que por isso nos deslembremos daqueles a quem, por determinadamente se ocuparem dos temas que são de sua alçada especial, mais particularmente compete a categorização de «publicistas». Eles atam a tradição.” (p. 348 e p. 357)

Para Sampaio Bruno, os novos publicistas procuravam reagir contra os “monstros conservantistas de Portugal de 1871, borregóides, sem embargo” que, na sua óptica, retardavam o progresso do país (p. 29). Em consequência, para o autor seria missão dos publicistas informar, criticar e divergir, pois “o processo moral não pode dar-se desde que as almas só conheçam os preceitos do respeito e de obediência.” (p. 162) Conta assim que ele próprio, por exemplo, expôs as suas teorias sobre o federalismo ibérico nas colunas do jornal *Folha Nova*, numa série intitulada *O Federalismo*. (p. 114)

Os novos publicistas, conta Sampaio Bruno, não se limitavam à acção jornalística. Ele relembra, por exemplo, as Conferências do Casino, cujo porta-bandeira era Antero de

Quental, que redigiu o *Programa para os Trabalhos da Geração Nova* (pp. 34-35); as discussões no Café Suiço, onde “se resolvia este mundo e o outro” (p. 272); bem como as reuniões informais e fornais: “a loja (...) enchia-se de antigos condiscipulos e recentes camaradas (...) em polémicas infundáveis! Quantas noites passadas, por essas ruas, a berrar de Proudhon, Bastiat, Karl Marx, a Internacional, a Comuna” (p. 46). Destes encontros, narra Sampaio Bruno, saíram vultos importantes na luta contra o conservadorismo, que escreveram a favor da liberdade e da democracia em jornais, folhetos e livros. Porque, afirma ele, para que a democracia e liberdade existam é preciso educar o povo. Aliás, conforme ele próprio afirma, “a ignorância do povo português, é, infelizmente, incontestável!” (p. 130)

Apesar de, segundo Sampaio Bruno, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós terem escrito n’*As Farpas*, “crónica mensal de política, das letras e dos costumes”, que os intelectuais portugueses são “pequenos, obscuros, sem nenhuma (...) influência no movimento das ideias (...) ou no movimento dos factos universais” (p. 4), o autor realça a influência “positiva” dos novos publicistas portugueses nos movimentos ideológicos de vanguarda.

A coragem dos publicistas ao desafiarem o conservadorismo legal e ideológico reinante na sociedade portuguesa também é posta em destaque por Sampaio Bruno. Com vários exemplos, ele procura mostrar ao longo do livro como no período conturbado do final do século XIX e início do século XX os publicistas eram perseguidos, precisamente por serem lidos, o que os tornava incómodos. Um dos vários exemplos que o autor usa para fundar a sua tese é o de José Falcão, que “ameaçado de ser expulso da sua cátedra” e censurado por espalhar novas ideias (p. 28). Conta, aliás, que “não prosseguiram as violências” contra José Falcão “quicá em parte pela intervenção sarcástica d’*As Farpas*.” (p. 28). Relembra, também, um episódio de censura ao folheto de Julho de 1871 d’*As Farpas* – “Bom, ou mau, o folheto foi lido, levemente discutido e inteiramente comprado. Era anónimo. Que há-de acontecer? O governo proíbe-lhe a venda! (...) A única crítica é a gargalhada!” (p. 29)

Sendo os publicistas diferentes, pensando de maneira diferente, também diferente é o seu jornalismo. Sampaio Bruno observa, em consequência, por exemplo, a parcialidade jornalística de José do Patrocínio (p. 169); o jornalismo propagandístico de Xavier de Carvalho em *O Estado do Norte* (p. 169); o jornalismo elegante, embora com pouca popularidade, de Casal Ribeiro, em artigo publicado na *Revue Lusitaniennne* (p. 171); o jornalismo pedagógico em revistas como *O Ensino*, dirigida por Eduardo Falcão (p. 272), e *Ensino*, de Teodoro Fernandes (p. 281); e o jornalismo polémico, em vários opúsculos e jornais, como num folheto saído no Porto, onde um autor anónimo, que se designa a si mesmo “um português”, contesta a memória *A Ibéria*, apelidada de “perigosíssima”. (p. 171) O jornalismo político de cariz democrático, afirma Sampaio Bruno, estava patente, por exemplo, no *Eco Popular*, periódico fundado por José Lourenço de Sousa, que tinha como colaborador Rodrigues de Freitas. Era considerado “o órgão da mocidade possuída das ideias novas e intrépida na sua propaganda dentro duma sociedade estagnada” (p. 280).

O autor também referencia Teófilo Braga, que ao publicar *Traços Gerais da Filosofia Positiva* abriu caminho ao influxo das novas ideias do Positivismo e do Darwinismo, com reflexo imediato nos jornalistas e nos jornais, ou até nos publicistas em geral. Surgiram assim, explica Sampaio Bruno, jornais e revistas difusores das novas ideologias científico-filosóficas. Segundo o autor, Ramalho Ortigão, nos folhetos mensais d’*As Farpas*, disse que essas publicações “eram (...) uma janela aberta, por onde entravam para o país grandes rajadas de civilização e de educação (...) varrendo os miasmas e trazendo sempre alguma boa semente.” (p. 274) No entanto, os conservadores também expressavam o seu pensamento através da imprensa. Conta Sampaio Bruno, por exemplo, que *O Besouro*, semanário humorístico, caricaturou Correia Barata, químico e biólogo, defensor das teses darwinistas (p. 275). Contudo, o Darwinismo, segundo Sampaio Bruno, teve também eco em periódicos sérios e abertos às novas ideias, como a revista *Actualidade*, do Porto; a *Renascença*, de Joaquim de Araújo; a *Museu Ilustrado*, de David de Castro; a *Revista de Portugal*, dirigida por Eça de Queirós; a *Revista Científica*, de Ricardo Jorge” (p. 281); e ainda a *Revista Ocidental*, orientada por Oliveira Martins, que “chasqueou” João Bonança e a sua *Reorganização Social*. (p. 298)

A admiração de Sampaio Bruno por Rodrigues de Freitas nota-se nas abundantes páginas que lhe reserva, contando que ele escreveu para jornais como *O Comércio do Porto* acerca de assuntos económicos e de administração pública, bem como para *O Jornal do Comércio*, *O Século*, *Discussão* e *Voz Pública*. (pp. 281-282)

Relembrando, individualmente, os contributos de outros publicistas para o debate intelectual em Portugal, Sampaio Bruno evoca, por exemplo, António Feliciano de Castilho, que escreveu uma “página indignada e comovida” sobre o “feitio inquisitorial das escolas primárias” – “em Portugal, a palmatória continua ser o troféu do nosso ensino (...) desde pequeninos, os portugueses são educados no terror, na humilhação, na covardia” (p. 223).

O autor recorda, também, que o publicismo português não se esgotava no território continental. Do próprio Brasil, por exemplo, vinham jornais que contribuíam para que novas ideias chegassem e fossem discutidas em Portugal. Sampaio Bruno relata, para fundar o seu raciocínio, o caso do periódico republicano *País*, do Rio de Janeiro, dirigido por Quintino Bocaiúva e que tinha por primeiro redactor Eduardo Salamonde, português naturalizado brasileiro. (pp. 167-168)

De Portugal para a Europa, no final do seu livro Sampaio Bruno lembra a acção de vários publicistas europeus, detendo-se, em especial, nos espanhóis Pi y Margall e Benito Perez Galdós.

De sublinhar, finalmente, que o livro *Os Modernos Publicistas Portugueses* não só condensa uma parte significativa do pensamento (em grande medida francófilo e hispanófilo) de Sampaio Bruno sobre as novas ideias que se espalhavam na Europa, na Península Ibérica e em Portugal desde a Revolução Francesa, como também constitui um repositório de memórias e sentimentos do autor aos 48 anos de vida (1905), alguns deles algo pormenorizados, como acontece numa passagem curiosa onde, a propósito do livro e de outros escritos, alude ao erro tipográfico, à influência deste na sensibilidade do autor e aos transtornos que provoca no pensamento.

Nome completo do autor da ficha bibliográfica: José Pedro Lopes Malafaya Baptista
E-mail: imb@brainkebab.com
